

Globalização e turismo

Wilson Nogueira

(Bacharel em Ciências Sociais/UA, mestrando do PPGNCA e jornalista)

Nasci em Parintins e saí de lá com 18, 19 anos e retorno sempre, mas para pesquisar o boi. Meu primeiro trabalho, como conclusão do curso de Ciências Sociais na UA, foi exatamente verificar em que nível se dá a articulação do Festival Folclórico de Parintins com o mercado. Num segundo momento, que é o momento do Mestrado, trabalho a articulação de várias festas populares da Amazônia, centralizando minha pesquisa no Festival de Barcelos, no Sairé e na Ciranda de Manacapuru, que são eventos que alcançam características que começam a ter algumas recorrências em relação ao Festival Folclórico.

No primeiro trabalho, a discussão central era a seguinte: existe um boi da cidade, o boi de Parintins, e, a partir daí, criamos um conceito, o “Boi de Parintins”, brincado pelo público interno, e existe o Festival Folclórico, que é essa manifestação da mídia, uma manifestação de massa. Eu trabalho estes dois conceitos para perceber em qual momento se dá essa metamorfose, para trabalhar o boi em relação ao mercado.

O estudo da articulação das festas populares com o mercado capitalista vem se desenvolvendo em vários lugares do mundo, desde o momento em que o capitalismo se insere como modo de produção, como modo de construir relações. A mercadoria, o mercado, constrói relações sociais. E já nesse primeiro trabalho identificava essa tensão, que é uma tensão que não se dá somente em Parintins. Nestor Canclini, por exemplo, quando estuda algumas festas populares do México, verifica que há festas populares que ainda não têm contato com o mercado capitalista; festas populares que estão em processo de contato com esse mercado, ou festas populares que estão já envolvidas nas suas articulações com o mercado capitalista. Então, já identificava estas tensões, tanto que trabalho com a idéia de boi de Parintins, o boi local e com a idéia de boi feito para o Festival. É por isso que o boi, como Festival, num determinado momento, estava mais no campo musical com a





axé music. Mas existem as forças no interior desse boi, na construção dessa festa, que atuam contraditoriamente e que se digladiam internamente. Como DaMatta observa, é a memória social em contradição com as mudanças; e é por esse conflito que, na realidade, a chamada descaracterização não ocorre de forma mais violentada ainda, porque o mercado está interessado no produto. A mídia está interessada no que dê retorno comercial, no que dê público. Num determinado momento, as transformações percebidas no Festival mostram que essa festa que é produzida para o turista, para o telespectador, teve que agregar determinados elementos que pudessem encher a tela e transformar aquela manifestação num espetáculo; e aí está posto o gosto para mídia nesse momento mágico do boi; é aí que o boi ganha a dimensão de espetáculo, que começa a viajar nas ondas da mídia.

O boi-de-Parintins existe, está lá. Para o Caprichoso ir novamente para a rua houve uma pressão; existe uma tradição que, como DaMatta coloca, transforma-se, nesse momento, em vanguarda. Quando vai pra rua, as pessoas se identificam com o boi, é um resgate daqueles momentos de brincadeira. Independente do Caprichoso e do Garantido irem às ruas, as pessoas fazem os seus bois, as crianças principalmente. Próximo à minha casa, em Parintins, tem um boi. O Festival está rolando pra lá, pois há exclusão, e as crianças ficam brincando em seus festivais; colocam o boi e saem à rua.

Outra questão do primeiro trabalho é: até que ponto as pessoas que fazem o boi haviam perdido contato com o “fazer” (...) se o boi já haveria entrado numa racionalidade de produção. Queria verificar se as fantasias, o cocar, já eram uma coisa serial, como se discutia na Escola de Frankfurt, principalmente com Walter Benjamin, quando ele trabalha a história da “aura”. Verificamos que ainda que algum processo de racionalidade esteja incutida no boi, os artistas ainda têm muito contato com a sua arte. E aqui vamos tratar da questão trabalhada pelos teóricos de Frankfurt, que é o conceito de trabalho, de trabalho em si. O boi ainda não é uma máquina. Existem pessoas envolvidas, pessoas trabalhando. Não é algo dominado totalmente pela mídia. Tanto que, nas negociações com a mídia, há uma tensão para ver o que vai ser veiculado. Agora, o que pode ser feito para contrapor-se a essa força poderosa que é o mercado? A questão aí depende muito da organização social, da formação das lideranças do boi, da sua capacidade de lidar com o mercado. Trabalhar no mercado, no sentido, como Octavio Ianni diz, de conhecer como funciona esse mercado; conhecer a ossatura desse monstro, que é o mercado. E, a partir daí, trabalhar mecanismos que possam reverter ou reduzir esse quadro de injustiça e de apropriação, sem o pagamento de di-



reitos autorais dos artistas... O retorno social que o boi poderá dar para a sociedade vem da capacidade de articulação dos líderes que comandam o boi e da sociedade, da democratização do boi.

Eu amplio esse trabalho no Mestrado, pois esse fenômeno do boi está se verificando no Sairé, que é uma festa popular, religiosa, que acaba entrando no calendário turístico do Pará; a mesma coisa ocorre em Barcelos com o festival dos peixes, ocorre com a Ciranda de Manacapuru, que já está sendo transmitida pela televisão ao vivo. Os mesmos conflitos estão presentes nessas manifestações folclóricas. Até que ponto o Festival de Parintins tem influenciado essas manifestações? Por exemplo, assisti há algumas semanas a apresentação, em Manacapuru, da Ciranda, levada através de Tefé. Verifiquei que há muita coisa que lembra o boi. Se você pega uma foto de qualquer manifestação dessas – o Sairé, a Ciranda – você vai pensar que é o boi de Parintins. O interessante é que nesses locais as pessoas não querem fazer essa vinculação. O mesmo acontece em Parintins; chegar e dizer que o boi teve influência do Carnaval, ninguém assume isso.

Espero contribuir para a comunidade com este trabalho teórico que, na realidade, como afirma Edgar Morin, não é um reflexo da realidade, mas uma reflexão sobre o real.

Gerson Severo Dantas

(Bacharel em Comunicação Social/UA, mestrando do PPGNCA e professor do Departamento de Comunicação Social da UA)

Meu trabalho de dissertação busca entender o boi-bumbá a partir de uma análise da teoria da recepção. Entender como determinados tipos de mensagens, sobretudo as mensagens ecológicas veiculadas por ambos os bois, são entendidas pelos brincantes, pelo público dos dois bumbás.

Minha ligação com o boi-bumbá tem a ver com o fato de eu ser filho de uma parintinense e parte da minha família ainda viver em Parintins. Conheci o boi-bumbá em 1984, ainda no tabladão, quando tive a oportunidade de brincar no Garantido. Depois da construção do Bumbódromo e nos últimos cinco anos, fui duas vezes a trabalho fazer a cobertura jornalística para *A Crítica*. Grande parte das coisas que hoje me interessam no boi-bumbá veio dessa experiência.





Desde o chamado “descobrimento” da terra brasilis, a natureza foi encarada como algo a ser desbravado, conquistado, a ser, sobretudo, explorado. Os ciclos econômicos seguintes levam também a essa exploração exagerada, que caminha para o sertão, até chegar na Amazônia, que hoje é a última fronteira de recursos naturais deste país. Sobretudo, a partir dos trabalhos dos viajantes, que passaram por esta terra tentando compreendê-la, foi criada uma imagem de que a Amazônia é um vasto campo de potencialidades econômicas. Tome-se, por exemplo, os trabalhos de La Condamine e os trabalhos do pe. João Daniel, em que a Amazônia é vista como uma natureza a ser explorada.

Dentre esses viajantes, dois são os primeiros a tocar na questão de ecologia, o de Alexandre Rodrigues Ferreira, que na sua *Viagem Filosófica* conta como as tartarugas vinham sofrendo um processo de captura exagerada e aponta que, mais cedo ou mais tarde, este seria um animal em extinção e prenuncia um desastre ecológico de dimensões inimagináveis, que precisava ser evitado. Pena que as autoridades brasileiras só vieram a ler Rodrigues Ferreira nos anos 60, quando a caça à tartaruga foi proibida. Por outro lado, os trabalhos de Spix e Martius também descrevem alguns exageros na exploração desses recursos naturais na Amazônia.

Nos anos 50 do século XX, o pesquisador amazonense Djalma Batista, em seu livro *O Complexo da Amazônia*, mostra que a exploração da Amazônia precisava ser racional e, para isso, haveria que criar-se determinadas técnicas para essa exploração. Insistia muito em fundar aqui escolas agrotécnicas, que possibilitassem os recursos naturais, desde a piscicultura até o desenvolvimento energético, como a cultura do dendê.

A noção de natureza que os bois encontram ao serem “fundados”, na segunda década do século passado, é uma noção de natureza inesgotável, que está aí para ser explorada, basta o caboclo trabalhar que a natureza tudo providencia. Essa noção de inesgotabilidade está no cerne dos primeiros momentos do boi. Ela não está presente nas obras consultadas, mas na concepção das pessoas que produzem o boi. Quando essa perspectiva não se manifesta claramente, ela aparece como ausência. Nas brincadeiras, nas toadas que eu tive acesso até o presente, não aparece até à década de 50 nenhuma preocupação com a natureza. As temáticas centravam seu foco nas críticas ao “contrário”, o chamado desafio, na exaltação de seus valores: “eu sou o melhor, o contrário é o pior”, e numa certa crítica social. Pode-se pegar a toada do Ambrósio, onde ele fala que espera que ninguém o esfaqueie, que ninguém



atire nele, que quer ir a Brasília acabar com uma trapaça. A letra diz claramente: enquanto o pobre está na pior, a turma está bagunçando lá em Brasília e ele quer ir até lá para acabar com essa trapaça. É um momento de crítica social muito forte.

Periféricamente, a noção de natureza aparece a partir dos anos 60, em toadas-desafio do tipo:

*Contrário, tu me conhece,
sou forte, sou valentão. (bis)
Só como onça no inverno
e jacaré no verão.*

Portanto, a natureza era para o autor, e para a concepção do momento, algo a ser desbravado, explorado, na linha de concepção de Euclides da Cunha, para quem a Amazônia não está pronta para a civilização, é uma terra para desbravadores.

A natureza aparece também como uma forma de exaltar os valores de seu boi, como nos versos de Ambrósio:

*Se eu te pegar, boi contrário,
te esfolo igual a jacaré.
Tiro toda a carne de fora,
só deixo a caveira em pé.*

Quando a natureza não está ausente, ela se apresenta na linha artística do mote dos viajantes. Vamos, agora, tomar a categoria marxista de práxis, para ver que, na sua própria prática, na construção da brincadeira, a natureza também não era muito privilegiada.

No Suplemento do Jornal do Commercio, de 1989, segundo ano do Bumbódromo, a jornalista escreve um depoimento de Graça Faria, da linha de frente do boi Garantido: “Até cartuchos de espingarda eram doados a caçadores pela diretoria do boi para facilitar a matança de centenas de garças, cujas penas eram usadas nas confecções”. Isso ocorria, provavelmente, nos dois bois.

Nesse momento, 1989, o boi marca claramente uma mudança na sua noção de natureza, passa a vê-la como algo a ser respeitado, não a ser explorado como algo esgotável, portanto. Nesse mesmo Suplemento, é sintomático que o tema do boi-bumbá Caprichoso era “A força da natureza” enquanto o Garantido jogava no Bumbódromo com o tema “Encanto da Ilha”. Aqui a





gente tem um marco muito importante. Não significa que antes essa mudança da noção de natureza dentro dos bois-bumbás não estivesse acontecendo. Tenho notícias que, desde 1976, o Emerson Maia produz toadas com esse viés ecológico, que culmina com “Lamento de raça”. Mas é também importante ressaltar que é em 1989 que o Caprichoso leva à arena, para defender o item “figuras típicas regionais”, um boneco gigante do seringueiro Chico Mendes, que havia sido assassinado em 12 de dezembro de 1988. Sua morte marca um momento bastante significativo, porque tinha ganho o prêmio Global 500, um prêmio extremamente importante na área dos defensores da ecologia. Percebe-se aí uma clara influência das discussões em torno do trabalho desse seringueiro que, é consenso entre as pessoas que eu conheço, ninguém sabia existir até que ele morreu. Quando morreu, vieram a descobrir que era um grande brasileiro, com um trabalho reconhecido em nível internacional, porém, com pouca divulgação no Brasil. E o Caprichoso, sintomaticamente nesse ano, leva para o Bumbódromo essa figura, uma figura que se reveza nos bois desde então. Ano passado, o Garantido levou um boneco com a figura de Chico Mendes, treze anos após sua morte, mostrando que a valorização do meio ambiente, a concepção tinha mudado, e mudado para valer.

Essa mudança é muito forte, como se pode perceber pelos depoimentos dos dirigentes dos bois-bumbás. Em matérias que fiz ano passado para o jornal *A Crítica*, o vice-presidente, então, João Pedro Gonçalves, afirma que o boi Garantido é um boi tradicional, folclórico e ecológico. Nos estatutos “mentais”, vamos usar essa expressão, de um dirigente importante, o boi não é só tradição, um valor muito cultuado em Parintins; não é só folclórico, é, também, ecológico, respeita a natureza, tira dela apenas o necessário. Uma noção completamente diferente daquela identificada nos primórdios do boi.

O CD antológico também traz que o boi Garantido tem como missão preservar a Amazônia, defender e lutar pela Amazônia. Para não ficar desbalanceado, o boi-bumbá Caprichoso também tem esse viés. Simão Assayag, que é diretor do Conselho de Artes, é autor da toada “Amazônia”, ele e Ronaldo Barbosa. É um hino contra a exploração, bastante significativo, do ponto de vista da força da letra, da força de sua poética e, também, de sua melodia, é uma música muito bonita.

É nesses últimos dez anos que a noção de natureza entra e muda a produção artística dos dois bumbás e muda também a práxis do boi-bumbá, que hoje trabalha com materiais sintéticos, com a reciclagem de materiais, sobretudo



isopor, que não são mais jogados no rio. Registrei isso no ano passado. Essa reciclagem é uma mostra de que a exploração dos recursos, naturais ou não, não pode ser irracional, e essa preocupação os dois bumbás a têm.

Há toadas muito significativas: “Rio Amazonas”, de Tony Medeiros, de 1992; “Amazônia, catedral verde”, de Simão Assayag e Ronaldo Barbosa; “Lamento de raça”, de Emerson Maia. Curiosamente, lá também pelos inícios dos anos 90, surge uma toada que vai na contramão desse viés de respeito à natureza, que estava rodando o mundo, é a toada “Ecologia”, de Chico da Silva e, pasmem, de Amazonino Mendes!, que criticava esse movimento de defesa do meio ambiente. Um dos versos mais interessantes dizia: “Cadê teu Mitterand, cadê teu Sting, cadê os caras pró teu amanhã?” É um viés que, felizmente, saiu do boi e, felizmente também, o governador deixou de assinar toadas.

Os meios de comunicação têm um papel fundamental nessa mudança. A morte de Chico Mendes foi extremamente divulgada em todo mundo, repercutiu em todos os meios de comunicação. Nesse sentido, serão importantes para mim, e explicam muito claramente esse processo, os estudos de pesquisa e comunicação social da chamada Agenda7, uma linha de estudos da Comunicação Social, que tem como hipótese o seguinte texto, registrado no livro do Mauro Wolf, *Teorias da Comunicação*: “Em conseqüência da ação de jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe, ou ignora, presta atenção, ou discursa, realça, ou negligencia, elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm a tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os meios de comunicação de massa incluem ou excluem de seus noticiários. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas.” Então, os meios de comunicação dão a agenda de discussão da sociedade.

A partir da morte de Chico Mendes, outro dado importante para que a ecologia entrasse na agenda dos meios de comunicação e na agenda de discussão das pessoas, foram os movimentos ecológicos. Greenpeace, WWF, e outras ONGs passaram a inserir-se cada vez mais nos meios de comunicação, dando a agenda que os meios de comunicação de massa levavam para discussão da sociedade. Quem não se lembra aqui das ações do Greenpeace, seqüestrando navios em alto mar? Até hoje essas cenas ainda são reproduzidas, essas ações ainda são realizadas porque a sociedade dá a agenda do que





ela quer discutir. E, dos anos 60 para cá, isso foi muito claro. Por exemplo, em 1968, aconteceu um vazamento de mercúrio na baía de Minamata, no Japão, que contaminou todos os peixes. O governo escondeu o fato e esses peixes foram consumidos, morrendo cerca de 300 japoneses. A falta de escrúpulos do governo foi amplamente divulgada na imprensa internacional e provocou, a pedido da Suécia, a primeira Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. Depois vem, em 1992, a Rio-92, a segunda Conferência. Portanto, mais um elemento que reforça a inclusão do tema da ecologia nos meios de comunicação. Estando nos meios, essa discussão fatalmente foi cair na sociedade e daí chegou ao boi. E no boi a noção hoje é extremamente outra.

Não está no meu trabalho, mas vou levantar a hipótese de que a concepção de natureza, de ecologia, que está tocando no boi ainda é a ecologia pré-anos 90, que é a ecologia da preservação, mas breve vai estar mudando o viés para uma ecologia calcada nos chamados mecanismos de desenvolvimento limpo, ou seja, exploração racional, com o uso da tecnologia, o que Djalma Batista pregava nos anos 50. Esse caminho de mudança – da ausência de natureza no boi para a presença significativa –, tem muito a ver com a agenda de discussão que os meios de comunicação colocaram. Por isso, a presença dos meios de comunicação, dando a agenda do que o boi discute é, a meu ver, uma coisa significativa, por isso houve essa mudança na concepção de natureza.

É da maior importância a gente discutir essa manifestação cultural, que é realmente forte, e a Universidade estava ao largo dessas discussões, mas felizmente pelos debates percebe-se que o boi-bumbá realmente tem uma função social e cultural muito grande.

